

# **A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM COMUNIDADES RURAIS E A RECUPERAÇÃO DOS SABERES LOCAIS.**

## **CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN RURAL COMMUNITIES AND LOCAL KNOWLEDGE OF RECOVERY**

**Carla Cristiane Mueller**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
carlamueller@yahoo.com.br

**Edson Luiz Lindner**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
edson.lindner@ufrgs.com.br

### **Resumo**

O presente texto aborda a construção de conhecimentos em comunidades rurais através da recuperação dos saberes locais, iniciando com o pilar estrutural da escola, por meio de um processo de formação contínuo, envolvendo adolescentes e seus pais agricultores, como estratégia para promover uma evolução no desenvolvimento rural. A pesquisa se concentra em atender a uma demanda dos municípios da região do Vale do Rio Pardo - RS, que precisam diversificar o seu desenvolvimento econômico, em relação à plantação do tabaco, mudando um cenário sociocultural estabelecido por longos anos. Provavelmente, o caminho para que aconteçam estas iniciativas locais e regionais seria por meio da escola e de seu processo formativo dentro da comunidade. O objetivo é mostrar que é possível uma educação básica para o campo, baseada nas características da educação popular, que represente um trabalho integrador dentro da família ampliando a chance de os jovens fazerem a sucessão da propriedade.

**Palavras-chave:** comunidades rurais, conhecimento, educação do campo, saberes locais.

### **Abstract**

This paper discusses the construction of knowledge in rural communities through the recovery of local knowledge, starting with the pillar structure of the school, through a process of continuous training, involving adolescents and their parents farmers as a strategy to promote progress in the development rural. The research focuses on meeting the demand of the municipalities in the region of Vale do Rio Pardo - RS, they need to diversify their economic development, in relation to tobacco plantation, changing sociocultural scenario established for many years. Probably the way they happen to these local and regional initiatives would be through the school and its educational process within the community. The goal is to show that it is possible to basic education for the field, based on the characteristics of popular education

that represents a work integrator within the expanding family a chance to young people to make ownership succession.

**Key-words:** rural communities, knowledge, rural education, local knowledge.

## Espaço Rural e Educação Rural

Durante um longo período o campo foi considerado como um lugar da rusticidade, do inculto, do atraso, entre tantos outros atributos negativos. Diversos planos de intervenção no espaço rural foram guiados por esta visão e privilegiaram a transposição de modelos gerados na cidade para o campo, desprezando outros modos de ver e viver as experiências e as dinâmicas rurais. No Brasil, esse processo esteve intimamente ligado à proposta pedagógica promovida pelo Estado junto às comunidades rurais. Conforme, Leite (1999, p.12), excetuando os movimentos de educação de base e de educação popular, “o processo educativo rural sempre esteve atrelado à vontade dos grupos hegemônicos do poder, não conseguindo deslocar seus objetivos e a própria ação pedagógica para as esferas de caráter sociocultural do meio rural”.

Whitaker, afirma que o descaso para com a educação rural é geralmente colocado quando se diz que as famílias rurais não valorizam a escola colocando seus filhos para trabalhar ao invés de estudar. Esta é uma falsa ideologia que tenta justificar a situação do Estado brasileiro que nunca se interessou em dar escola às populações rurais, politicamente fragilizadas diante do latifúndio monocultor e escravocrata e tornadas ainda mais vulneráveis após a urbanização do país, quando a ideologia urbana industrial exacerbou o preconceito contra o mundo rural. De certa forma, o ensino rural voltou-se mais para a formação de técnicos, visto a grande quantidade de escolas técnicas, que para a educação básica, com função de formar trabalhadores com experiências de trabalho no campo (WHITAKER, 1992, pág.48).

Assim, com a vinda de uma nova perspectiva para o campo, impulsionada pela insuficiência do modelo desenvolvimentista, a escola rural vem ganhando um novo perfil. Finalmente ela se abre para a construção de um novo modelo pedagógico que leva em conta as características e necessidades próprias ao aluno do campo dentro do seu espaço cultural, buscando a valorização dos saberes locais, dos espaços das propriedades rurais, da agricultura orgânica, do meio ambiente e incluindo a necessidade de atividades pedagógicas direcionadas à promoção de um desenvolvimento rural.

A exposição e a interpretação que os meios de comunicação apresentam para o agricultor e para o trabalhador rural são de diminuição, de descaso e de pobreza. Sua imagem é muitas vezes atrelada a uma pessoa sem cultura, sem conhecimento e totalmente vulnerável e moldável, um agente passivo. Não projetam o agricultor como uma profissão a ser seguida, com dignidade, mas sim como uma ferramenta de trabalho bruto. Este enfoque mostra com clareza que o trabalhador do campo não necessita se profissionalizar para exercer a sua função, muito menos precisa entender como funciona a cadeia do agronegócio, afinal ele sempre permanecendo como está, é mais simples para impor as regras.

Na região de cultivo do tabaco, os próprios agricultores se diminuem, por não terem estudado, tanto por questões financeiras como por falta de incentivos dos pais e até mesmo pela distância geográfica até uma escola. É importante ressaltar que esta pesquisa foi realizada com agricultores jovens (20 a 30 anos) de meia idade (de 30 a 50 anos) e com agricultores já idosos (acima de 50 anos), onde praticamente todos se mostraram retraídos, sem terem

completado o ensino fundamental ou abandonado os estudos para auxiliar no trabalho da lavoura. Isto demonstra o quanto os jovens, filhos de agricultores da região se sentem diminuídos perante a sociedade e muitas vezes abandonam a propriedade para estudar e se dedicar a novas atividades. Não se empolgam o suficiente para permanecer no campo e fazer a sucessão das atividades agrícolas, pois este lhes parece um local sem atrativos sejam eles tecnológicos, sociais e mesmo econômicos.

Em contraponto, estamos falando de um ciclo longo, que se estabeleceu na região com a colonização européia e a vinda dos imigrantes alemães, perdurando por mais de cem anos. Após a instalação das indústrias fumageiras nas cidades pólo, como Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, logo se iniciou, também, o sistema de integração, no qual as indústrias detêm o domínio sobre todas as informações e dados do contrato de plantio, assessoria técnica e comercialização do tabaco em relação ao agricultor. Este sistema de integração oferece uma fórmula pronta para o agricultor, sem a necessidade dele se aperfeiçoar e adquirir conhecimentos para melhor gestionar a sua produção, chega a ser um sistema alienador, moldando a mente do produtor, que acha bom permanecer como está sem necessidade de mudanças.

Neste sentido, romper com este ciclo através da educação levando novos conhecimentos através da metodologia escolar é essencial para construir novos paradigmas e promover a construção de novas identidades nestas comunidades rurais que fazem o cultivo do tabaco. Tendo em vista que o ensino formal nas escolas do campo está cada vez mais urbano e o ensino informal, aquele que poderia e deveria funcionar além da unidade educacional, é alienador, ou seja, molda a cabeça do jovem para um determinado fim, sem ser necessário que o mesmo construa seu próprio objetivo.

Outro aspecto importante é o papel social da escola na comunidade rural, pois ela é o cenário de vários eventos sociais, como jogos, bingos, bailes, feiras, cursos, etc., de modo que é possível afirmar que a vida social de uma comunidade rural acontece na escola. Tal relação evidencia que não é somente a escola que estende suas ações até a população, mas também esta procura a escola, demonstrando total confiança. Tudo que acontece na escola reflete na comunidade e vice-versa. A Escola Rural é familiar ao seu entorno, criando laços com a comunidade local, pela oportunidade propiciada de participação em atividades dirigidas pela escola em prol do local. A Escola em seu papel transformador poderia utilizar estas informações e revertê-las em conhecimentos e qualidade de vida para os cidadãos. Conforme afirma Chassot (2001), a escola rural necessita de uma prática pedagógica diferenciada, que saiba veicular um saber significativo em indicadores para a ação nas famílias rurais. Diante da colocação, o próprio sistema educacional da escola do campo não sabe o que ensinar, não sabe a dimensão que representa perante a comunidade rural, o que o faz um modelo ineficaz.

## **CONTEXTO E METODOLOGIA DO ESTUDO**

Neste trabalho foi utilizado o método de pesquisa participativa indutiva, no qual os dados obtidos foram analisados de maneira generalizada. As análises se concentraram em acompanhar um grupo de estudantes concluintes do Ensino Fundamental de uma comunidade rural do município de Vera Cruz/RS, que participaram de oficinas de conhecimentos em turno inverso ao da aula. Estes estudantes são filhos de agricultores que cultivam tabaco em suas propriedades e necessitam de orientações quanto à sua permanência junto com os pais no campo.

Estes encontros permitiram promover uma troca de experiências entre os jovens rurais que na sua maioria ajudam os pais nas tarefas da propriedade, oportunizando momentos de aprendizados conjuntos e técnicas experimentais, para que ambos pudessem utilizar novos conceitos e tecnologias apropriadas no processo de produção, fortalecendo as iniciativas quanto a inovações na propriedade, organização, geração de renda e conservação ambiental, na medida em que passam a ter mais acesso às informações e mais conhecimento sobre a sua realidade e sobre as alternativas existentes. Foram desenvolvidas também atividades conjuntas, onde pais e filhos participaram de um planejamento sobre a propriedade rural, discutiram alternativas de produção e geração de renda, legislação ambiental e aproveitamento da energia existente na própria propriedade. Este espaço de aprendizados permitiu o entrosamento e o diálogo entre ambos, fundamental para a construção de uma nova agricultura. É imprescindível haver iniciativas para reorganização da força de trabalho e adaptação da pequena propriedade rural a um novo modelo agrícola.

A proposta foi investigar como as características culturais e costumes das comunidades do meio rural se adaptam a novos aprendizados. Para isso se buscou conhecer melhor a localidade e o grupo de trabalho, através da recuperação dos saberes locais como o resgate de fatos históricos, pessoas influentes, tradições, linguagens, manifestações culturais e esportivas. Esta iniciativa mobilizou para a participação da comunidade que espontaneamente se viu refletida dentro do espaço escolar e informalmente trouxe conhecimentos. Foram feitas entrevistas, resgate de documentos, fotos, busca em jornais e saídas a campo, que demonstraram a interação dos jovens no lugar onde cresceram. Em seu diálogo, Miguel Arroyo (2005), já afirmava que os movimentos sociais do campo são em si mesmos educativos, em seu modo de se expressar, pois o fazem com gestos e mobilizações a partir de causas sociais geradoras de processos participativos e mobilizadores.

Gradativamente, com a continuação do trabalho no grupo escolar, se percebeu a grande necessidade de trabalhar também com os docentes da escola, que estavam com suas práticas educativas sem fazer referência a uma escola do campo e para o campo. Uma didática voltada ao movimento urbano, sem coincidir com o dia-a-dia do alunado rural. Ensinando por métodos tradicionais, sem utilizar a pesquisa científica e sem instigar os alunos para a participação e o empoderamento, que é tão necessário ao jovem do campo. Podemos citar as colocações de Attico Chassot (2001) neste trabalho, pois o mesmo compara a falta de iniciativas científicas com a extinção de sementes caipiras, ou seja, ele explica que a busca de saberes populares que estão em extinção precisam virar saberes escolares e voltar a se expandir. Este autor defende ainda:

Uma alternativa de ensino mais impregnada com posturas mais holísticas, isto é com um ensino de Ciências que contemple aspectos históricos, dimensões ambientais, posturas éticas e políticas, encharcadas na procura de saberes populares. Os professores devem estar cada vez mais preparados para reelaborar as informações que recebem, dentre elas, as ambientais, a fim de poderem transmitir e decodificar para os alunos a expressão dos significados sobre o meio ambiente e a ecologia nas suas múltiplas determinações e interseções. A ênfase deve ser a capacitação para perceber as relações entre as áreas como um todo, enfatizando uma formação local e global, buscando marcar a necessidade de enfrentar a lógica da exclusão e das desigualdades (CHASSOT, 2001).

## **Características da Agricultura Familiar na região do Tabaco**

Nos últimos anos a agricultura familiar tem sido incentivada por vários órgãos nacionais e internacionais, por possuir características que melhoram também a qualidade de vida das pessoas assegurando um equilíbrio com o meio ambiente. Na região analisada pela pesquisa, onde a produção do tabaco é à base da cadeia produtiva, é possível observar que há um grande número de jovens que abandona as suas propriedades em busca de melhores alternativas de vida e de renda, mesmo que muitas vezes os pais possuem muita terra. Isto demonstra a falta de orientação das famílias, quanto a gerenciamento e gestão do agronegócio, pois há capacidade de produção e diversificação de culturas, mas há produção somente de tabaco.

Em algumas famílias as características primitivas e culturais seguidas por longos anos ainda predominam, como exemplo o lucro da safra agrícola permanece com o patriarca, que o controla durante o ano. Não existe nenhum traço de empreendedorismo, as empresas integradoras que firmam os contratos de compra do tabaco, fazem tudo pelo agricultor. Firmam o contrato de fornecimento dos insumos na casa do produtor, após a semeadura e o plantio, o orientador agrícola faz as visitas de monitoramento com o intuito de comercializar mais insumos agrícolas e, na hora da venda da safra anual, é também a indústria que determina o valor pago pelo produto ao produtor. O sujeito que permaneceu envolvido em todo o processo não tem vez para opinar, simplesmente precisa aceitar o que lhe é imposto.

Deve-se ressaltar também o papel das políticas de subsídio ao fumicultor, que hoje são exercidas pela Associação de Fumicultores do Brasil (AFUBRA), Sindicato dos trabalhadores rurais (STR), Sindicato das Indústrias do Tabaco (SINDITABACO) e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), com função de defender e negociar a plantação e comercialização de tabaco na região sul do Brasil. Estes órgãos possuem domínios grandes sobre toda a cadeia do tabaco, porém muitas vezes não conseguem exercer suas funções o que prejudica a implementação de estratégias de apoio para o setor. Órgãos com função representativa e organizativa da cadeia do tabaco, mas ao mesmo tempo contribuindo para que o produtor necessite cada vez menos se manifestar, defender a sua posição, exercer a sua cidadania e direitos.

Como um trabalhador do campo, que não precisa fazer o mínimo de esforço para pensar, vai ter alguma noção de empreendedorismo? Como vai desenvolver a capacidade de gerir a sua propriedade, diversificar as culturas, produzir alimentos? Como poderá estimular os seus filhos a permanecer no campo? Isso é impossível, pois a dimensão cultural é muito forte e necessita ser trabalhada com o acesso ao conhecimento. As famílias da região cultivam o tabaco por várias gerações e sempre foram tratadas desta maneira, privadas de uma educação básica, apenas sabem ler, escrever e contar.

Segundo Miguel Arroyo, a escola rural sempre ensinou conhecimentos necessários para que o agricultor sobrevivesse no campo, como mexer com a enxada, tirar leite, modernizar a produção, utilizar novos adubos. Ela não incorporou uma visão mais digna para o campo, um ensino básico que prepara o cidadão para a emancipação, para a realização plena do ser humano e a produção do trabalho (ARROYO, 2005, p.41).

O agricultor familiar necessita de conhecimento para enxergar a sua propriedade como um todo, olhar para cada característica, descobrir potencialidades de produção, analisar a vocação da família para outros cultivos, ver a propriedade agrícola como um agroecossistema vivo, onde o sistema natural é aliado na produção agrícola. Desta maneira, vai também treinar a gestão de sua propriedade familiar, vai envolver a sua família, ter rentabilidade em seu negócio e proteger o seu patrimônio, que é a terra, melhorando a sua qualidade de vida.

As propriedades rurais da região fumageira têm uma média de (16,9) hectares, dos quais grande parte destas propriedades se encontra em áreas de Preservação Permanente (APP), remanescentes da mata atlântica e relevo que dificulta a agricultura. A produção agrícola predominante é o tabaco, que mesmo com o aumento da tecnologia e produtividade está trazendo uma menor rentabilidade ao produtor rural, e prejudicando o solo com o excesso de agrotóxicos que são utilizados. Outra cultura que está se acentuando na região é a silvicultura com espécies de Eucalipto que não é uma cultura anual, ocupando solo fértil onde poderiam ser cultivadas outras culturas principalmente alimentícias. Estes fatores estão desestimulando os jovens na permanência no meio rural, os quais procuram por trabalhos no meio urbano e nas cidades maiores para se estabelecer.

Pesquisas vêm demonstrando o processo de “esvaziamento” que o campo vem sofrendo. A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER – RS) aponta números muito preocupantes da agricultura familiar no estado do RS, sobretudo, no que diz respeito à sucessão nas pequenas propriedades familiares, bem como a própria permanência dos agricultores no meio rural. A saída do jovem do convívio sociofamiliar rural para o urbano nas regiões com produção de tabaco tem atingido os jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores. Isto tem gerado um envelhecimento do meio rural e um predomínio masculino, visto que as meninas deixam o campo com uma proporção maior do que os meninos.

<b>Município</b>	<b>IDHM</b>
Santa Cruz do Sul	0,77
Vera Cruz	0,73
Mato Leitão	0,74
Venâncio Aires	0,71
Boqueirão do Leão	0,70
Passo do Sobrado	0,69
Rio Pardo	0,69
Candelária	0,67
Gramado Xavier	0,63
Sinimbu	0,63
Vale do Sol	0,62
Herveiras	0,61

**Tabela 1. IDHM municípios região tabaco (ONU, 2013).**

De acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), entre 1991 e 2010, divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para o Brasil em 2013, o país cresceu 47,5% e pensando que este índice leva em consideração a longevidade, a educação e a renda dos brasileiros, é impossível projetar um desenvolvimento maior sem levar em consideração o papel da agricultura e da educação no campo, e com isso alavancarmos os três critérios. Para tanto, estabelecer políticas de incentivo para que o jovem escolha viver no campo e a

agricultura como uma profissão vêm ao encontro da necessidade dos municípios da região que tem sua economia eminentemente agrícola voltada ao tabaco.

## **Experiência de Educação Básica para o campo**

O trabalho está em fase de constituir uma experiência de Educação Básica para ser aplicado em escolas da zona rural, levando em consideração o tempo exigido, a didática necessária, a estrutura curricular e a prática interdisciplinar dentro da escola e dentro da família. O aluno aprendiz pode ser considerado um agente que leva conhecimento para sua família, que aumenta a interatividade do grupo de trabalho e sucessivamente as chances de acontecer um empreendedorismo na propriedade. Na afirmação de Miguel Arroyo:

É possível resgatar uma proposta pedagógica, buscando recuperar o saber, a cultura, a ética, recuperar os valores próprios de uma educação básica para o campo. A necessidade de colocar a Educação Rural na luta pelos direitos, direito ao saber, direito ao conhecimento e a cultura produzida socialmente. Desta maneira, o acesso a uma educação básica para o campo situada como um direito de ser coloca um objetivo na vida do cidadão rural, projeta para ele um plano de vida, uma conexão com o seu mundo, onde possa ter perspectivas e qualidade de vida (ARROYO, 2005, p. 45).

Ao iniciar o diálogo de criar uma experiência bem sucedida de educação para o campo, temos que ter certeza sobre quem e para-quê queremos formar este sujeito, se para continuar a sucessão da propriedade, não se pode homogeneizar suas experiências práticas durante a vida escolar. A pedagogia da escola do campo necessita respeitar a identidade cultural do local, a realidade da agricultura do local, o meio ambiente, necessita inserir as suas propostas dentro da comunidade do local para que possa haver um projeto de transformação social, um propósito para as famílias que pertencem à aquele espaço e à aquele modo de vida.

O acesso ao conhecimento, por meio de uma educação básica específica para o jovem do campo, vem como uma estratégia para solidificar o espírito de sucessão na família. Prepara também, o jovem para o mercado de trabalho e à agricultura moderna e emergente que está surgindo. No contexto mundial em que estamos vivendo, ampliado pela padronização sociocultural e do modo de produção vigente, faz nos questionar a respeito da juventude brasileira: seu espaço, seu papel, seus caminhos. Desse modo, precisamos encontrar estratégias mais adequadas para que a juventude rural desenvolva suas potencialidades, frente ao impacto de novas tecnologias, de novos costumes, de novas concepções de mundo, sem desconsiderar sua história e sua identidade cultural.

## **Considerações Finais**

A pesquisa procurou apresentar subsídios que pudessem fazer compreender as idéias discutidas, pesquisando ainda um modelo, uma sistemática com conceitos que pudessem ser seguidos e copiados pelas Secretarias de Educação, para assim fomentar a implantação de projetos e para trabalhar temas articulados com a comunidade na escola do campo. Esta pesquisa reforça a importância que tem um estudo voltado ao público jovem para identificar as causas da não permanência no meio rural, visto que existem alternativas produtivas a produção de tabaco sem a necessidade da integração. A busca pela autonomia financeira, talvez não seja a única preocupação do jovem no meio rural na atualidade. Ele está à procura de algo além da busca pela autonomia, liberdade de expressão, produção mais sustentável, ou seja, o jovem demonstra mais preocupação com a unidade familiar em busca de um espaço que lhe forneça qualidade de vida.

Porém, a pesquisa nos permite mostrar que, somente uma educação do campo não impedirá o êxodo rural se não for combinada com políticas de incentivo e fortalecimento á agricultura, para garantir também o desenvolvimento social e econômico das famílias. É imprescindível ainda, para qualquer proposta de educação para o campo, o aperfeiçoamento dos professores. Estes necessitam atuar como intermediadores de conhecimento, desconstruindo os conhecimentos formais e estimulando novos aprendizados, precisam aprender a buscar elencar os conteúdos com a ruralidade.

A pesquisa nos permite ainda pensar a educação não apenas dentro da escola, mas projetada para a comunidade e para o município, para os quais forma cidadãos capazes e comprometidos com a cidadania, com o desenvolvimento econômico local. O jovem do campo necessita ver um sentido no aprendizado da escola, para assim construir o seu projeto de vida dentro da comunidade. Como perspectiva futura a pesquisa visa estabelecer um método dentro da prática pedagógica que esteja articulado com as várias disciplinas do ensino fundamental, onde os conteúdos da ruralidade possam ser abordados de maneira simples e por todas as disciplinas. Deste modo, falar especificamente em uma educação básica para o campo necessita uma grande reflexão e fundamentação sobre qual a formação ideal para atender a população rural e qual seria o método mais preciso para adaptá-la as questões regionais.

## Referências

CHASSOT, A.I. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Editora Unijuí, Ijuí/RS 2001.

GONZALES ARROYO, Miguel, **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**, Brasília, Articulação Nacional, 2005, 85 Pag.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 2002.

WHITAKER, D. C. Andreatta. **O rural-urbano e a escola brasileira**. In Revista do Migrante, Ano V, Nº 12, 1992.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**, Brasília, 2013.